

Caminhos metodológicos para uma leitura de suplementos infantis

DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v1i1.1556>

SÉRGIO DAYRELL PORTO

Abstract

This paper can be useful and revealing of the methodological avenues of the research 'Propositions for a children's paper'¹, supported by the CNPq and developed by the University of Brasília. Such a methodology can be summed up as the interpretation of children's supplements (children's papers) enclosed in leading Brazilian newspapers. Our hypothesis was that these little papers make up an adults reading, although they are dressed up with children's themes. The hypothesis was confirmed by means of a linguistic-qualitative methodology with theoretical support from French-oriented discourse analysis, institutional analysis and Lacanian semiology.

1. A escolha do objeto e sua motivação

Obviamente que o objeto já esta previamente escolhido. Trata-se da análise de suplementos infantis (jornais feitos para crianças) que são encartados em veículos da grande imprensa no Brasil. A função desse recorte sobre a realidade que se apresenta à ação de sujeitos pesquisadores é propor a editores interessados a produção de um jornal, certamente melhor do que os disponíveis no mercado, para leitura e entretenimento do público infantil brasileiro. Não é por menos que a pesquisa se intitula: "Proposições para um Jornal da Criança".

Financiada pelo CNPq, a pesquisa foi iniciada em março de 1989, com bolsas de auxílio integrado para diferentes tipos de pesquisadores.

Por que uma nova proposta de um jornalzinho infantil ? Tínhamos um presentimento de que os atuais suplementos infantis constituem-se muito mais em jornais de adultos, embora fantasiados com motivos infantis.

2. Corpo empírico

Escolhemos cinco "jornaizinhos" (o termo não deixa de ser pejorativo). Três de mídia nacional - *Estadinho*, *Folhinha* e *Globinho* - e dois de mídia regional - *Almanaque*, encartado no *Popular de Goiânia* e no *Jornal de Brasília* , e o *Clubinho*, encartado no *Correio do Brasil*, editado em Brasília. Deixamos de lado o *ZéH*, do *Zero Hora* de Porto Alegre, em parte por uma questão de distância e também por termos localizado uma experiência congênere na cidade de Santos.

O sentimento comum dos membros da equipe era de que havíamos pego uma mídia interessante e representativa. O período de análise foi o primeiro semestre de 1989, num total de cinco jornais por semana, perfazendo 130 exemplares de semanários. A veiculação desses jornais é feita aos sábados e/ou domingos. Nesse universo, apenas o *Globo* reproduz tiras de *cartoons*, não tendo produção redacional própria, pelo menos como regra geral.

3. Visão episteinológica

O nosso acesso à realidade foi deliberadamente lingüístico-institucional. Mesmo porque trabalhamos diretamente sobre veículos impressos. Mas havia a intenção primordial de se analisar o real, lingüisticamente constituído. Em consequência, a ideologia passou a ser um dos pólos centrais de análise, tendo-se como ponto de partida que qualquer signo é ideológico. Mais ainda: esses jornais são produzidos por sujeitos institucionais e mediados por personagens, sujeitos e objetos de uma ação coletiva.

Ora, nessas condições actanciais, impossível deixar de lado uma visão ideológica. Onde existe sujeito, existe ideologia. Onde existe linguagem, aí se tem ideologia. Não existe campo lingüístico, e mais, qualquer campo da ação humana, que não seja perpassado pela ideologia. A não ser nos interstícios da linguagem. Não foi por menos que estas lacunas representaram a possibilidade de se tentar fazer um pouco de ciência a respeito dos jornais infantis. Aí, nesses lugares privilegiados, a nossa fala poderia ter mais razão do que outras falas, também estas com suas margens de certeza. Mas isso dentro de uma humilde área de relatividade.

4. Metodologias, e não um único método

Conjugamos três metodologias : AD -Análise do Discurso, modelo de Michel Pêcheux (França), seguido por Jacqueline Authier-Revuz (França) - em alguns aspectos por Maurice Tournier (França) e Eni Orlandi (Brasil) — difundido por Dominique Maingueneau (França e Bélgica); AI - Análise Institucional, própria às áreas comunicativas oriundas de uma visão marxista dos fenômenos e produtos da indústria cultural; e AS - Análise Semiológica, não só pela abordagem psicanalítica, que possibilita o desvelamento do imaginário dos actantes e sujeitos dos jornais, como também por dar a esta última visão uma dimensão de completude dos métodos empregados.

Se a Semiologia supera a sua origem estrutural saussuriana, sem contudo negar a contribuição de seu ponto de partida lingüístico, esta ciência crítica, como nos diz Kristeva, possibilita caminhar do lingüístico rumo aos demais sistemas de signos. E aí, certamente, os jornais infantis têm um sistema ao mesmo tempo coerente e incoerente de valores sígnicos, próprio para a linha de análise que tem como mestres mais próximos e mais distantes: os primeiros: Barthes, Greimas, Propp, Benveniste e Veron; os demais: Lacan, Althusser (Pêcheux) e Foucault. Evidentemente, cada um a seu modo vendo escrituras lesionadas por diferentes motivos. Estes últimos poderiam também ser incluídos na AI - Análise Institucional: do inconsciente, do discurso e das próprias instituições sociais.

Pela AD analisamos o fenômeno do intra e do interdiscurso: como estes jornaizinhos convivem entre si e com a imprensa adulta. Pela AI vimos , como se diz na gíria , quem paga a conta ... - quais as instituições que patrocinam as publicações em questão. Neste particular, AD e AI se completam, pois ambas buscam na exterioridade da linguagem as explicações maiores dos fenômenos lingüísticos. Pela AS deu-se uma visão de conjunto à análise. O simbólico, o imaginário, o fantástico, o olímpico, o mítico, o religioso, o inconsciente, tudo isso ganhou forma e vinculação com o mundo das ideologias. Também aí a AD pôde colaborar com a sua visão de " formação discursiva" dos atores e dos sujeitos encontrados nos suplementos.

5. Técnicas e pesquisa

Tivemos inicialmente um contato não direto, porém envolvente, com o material de análise. Cada leitor - não passamos de leitores e não desejamos nada mais do que fazem os leitores , dar um pouco de polissemia aos sentidos parafrásticos previamente desejados pelos editores dos jornaizinhos - contribuiu com a sua própria sensibilidade, descritiva e interpretativa, em relação ao material de análise. Cada um trouxe a sua história intelectual e com ela conduziu a sua visão do objeto. Como bons hermenutas - havia um deles no grupo - deixamo-nos também envolver fenomenologicamente pelo objeto. Este passou, então, a nos dizer muita coisa. Acreditamos que a fenomenologia não impediu que interferissem os outros métodos acima arrolados. Qualquer método deve respeitar a fala do objeto, mesmo porque nós, ainda que sujeitos, de certa forma somos mais objetos, sujeitos-assujeitados, do que propriamente sujeitos. Através de uma visão epistemológica crítica, combatemos um idealismo de que sujeito e estrutura já pré-compreendem, a priori, quaisquer posições e funções que os objetos possam ter.

Passada esta fase dos contatos fenomenológicos, emitimos os nossos primeiros sinais de vida como intérpretes. Fomos a um congresso de comunicação, promovido pela (Intercom) - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em Florianópolis, e comunicamos o nosso pressentimento. Um ano depois, repetimos a dose. Desta vez no Rio de Janeiro, e aí as conclusões já se tornavam mais maduras, por força do trabalho realizado. Entre um congresso e outro fizemos uma leitura rígida do material, obedecendo a uma grade estrutural elaborada por um dos estrategistas do grupo. Não só analisamos os textos, mas também as imagens, sendo estas fotográficas e pictóricas. Nesse momento demos uma visão quantitativa indicial à pesquisa. E aqui a ênfase foi no índice, pois em nível simbólico mesmo, a nossa pesquisa obedecia a critérios de qualidade. E a quantidade não passou de uma qualidade como outra qualquer. Questionários " vivos " foram aplicados em escolas de primeiro grau e também do pré-escolar, todas de Brasília. Foram feitas visitas aos editores dos próprios jornais, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro , Brasília e Goiânia , além de contatos em Porto Alegre. A partir de uma entrevista dada à revista Nova Escola, da Editora Abril, recebemos um bom número de cartas, o que se constituiu num excelente feedback da importância de nossa pesquisa. Finalmente checamos nossas conclusões definitivas - a pesquisa terminou

em março de 1991 - com profissionais da área, isto é, pessoas que têm por missão o contato com o mundo infantil.

6. Tratamento lingüístico dado ao material da pesquisa

A partir das contribuições iniciais de Emile Benveniste, encontramos os "enunciadores" e os "enunciatários" dos jornais. Através das propostas de Propp, Greimas e Barthes encontramos os "actantes" e os "personagens" dos jornais. Pelas proposições do hermeneuta Emerich Coreth, encontramos os "sujeitos" e "objetos existenciais" dos jornais. Com esse material, pudemos nos aproximar dos sujeitos, certamente assujeitados dos jornais, ou seja, as próprias crianças. Através das contribuições de Dominique Maingueneau pudemos analisar o fenômeno da inter-incompreensão discursiva, de que forma sujeitos protagonistas e antagonistas, crianças e adultos, se compõem institucionalmente nas páginas desses jornais. Através de Micbel Pêcheux, pudemos sentir a ilusão e o esquecimento que perpassam todos eles.

Nesses jornais, as crianças, como sujeitos, pensam ter os seus veículos. Nelles, os adultos editores pensam como sujeitos que fazem um jornal de crianças. Ilusão e esquecimento, como se fôssemos realmente sujeitos das coisas na vida, ou melhor, como se não passássemos de objeto e escritura do inconsciente e da história. Mas, como dizem uns e outros, sem esses esquecimentos todos seríamos autistas. Gomo estes também se comunicam - a máxima da escola comunicativa de Paio Alto, especializada na interação entre os esquizofrênicos, é : "impossível não comunicar" - estamos finalmente convictos que as línguas são naturais, evidentemente sob forma de determinada metalinguagem. Mas não custaria nada aos editores dos suplementos infantis analisados tentarem pelo menos resolver esta questão do eu e do outro. O adulto se completa na criança e esta se completa no adulto. Sem que haja necessidade de se excluírem de forma definitiva através das páginas desses jornais, cujo personagem principal chama-se *merchandising* . Numa visão lacaniana, do mal-entendido (certamente esquecido) entre adultos e crianças surge um jornal infantil, ou infanto-juvenil, ou adulto-juvenil, ou adulto-infantil.

De posse dos personagens centrais e sujeitos assujeitados, analisamos as "estruturas prenas de sentido" dos discursos apresentados nos jornais. Comparando-as, pudemos notar que, na maioria das vezes, a sua própria construção sintático-semântica pertence muito mais ao adulto do que à criança. E quanto ao processo enunciativo-narrativo, tudo começa na persuasão publicitária, e deve acabar no consumo dos produtos anunciados. Através da análise das conexões inter e auto-textuais, inter-palavras e nos vocábulos eles mesmos, inter e auto-discursivas, verificamos um campo metavocabular, metadiscursivo, meta-enunciativo (proposições recentes de Jacqueline Authier-Revuz). Infelizmente, com a crise atual, nem todas as crianças podem consumir o que está sendo anunciado. E mais: a maioria das crianças sequer tem acesso à leitura desses jornaizinhos, mais conhecidos como suplementos infantis. Ao que tudo indica o mal-entendido lacaniano sequer é superado. As crianças lêem fora de lugar, sem que esse deslocamento lhes traga maiores riquezas de sentido.

Referências Bibliográficas

- Authier-Revuz, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19:65-74, 1990.
- _____. Les non-coincidences du dire et leurs reflets méta-énonciatifs. In: *Curso de Análise do Discurso Político*. Brasília, UV, FAG E NELI, 1991 •
- Althusser, L. *Lire le capital*. Paris, Maspero, 1965. 2 volumes.
- _____. *Pour Mar.x*. Paris, Maspero, 1965-
- Idéologie et appareils ideologiques de l'Etat. *La Pensée*, 1970.
- Barthes, R. Introduction à l'analyse structurale du récit. *Communications*, 8:1-27, 1966.
- Benveniste, E. *Problemes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. 2 volumes.
- Coreth, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: EPU - Edusp, 1973-
- Foucault, M. *Varcheologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969.
- _____. *Vordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- _____. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.
- Greimas, A.J. Eléments pour une théorie de l'interprétation du récit mytique. *Communications*, 8:28-59, 1966.
- Greimas, A.J. e Courtés, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix (original de 1979).
- Kristeva, J. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1974.
- Lacan, J. La science et la vérité. In: *Cahier pour l'analyse*, 1, 1966.
- Maingueneau, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. *Gêneses du discours*. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1984.
- Orlandi, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987 (2ª edição).
- _____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. *Terra à vista*. São Paulo: Cortez, 1990.
- _____. *Palavra, fé e poder*. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. *Vozes e contrastes*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.
- _____. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- Pêcheux, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- _____. *O discurso*. Campinas, Pontes, 1990.
- _____. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. (Organizado por F. Gadet e T. Hak).
- Propp, V. *Morphologie du conte*. Paris: Seuil, 1970.
- Saussure, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1965.
- Veron, E. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1980.
- _____. *Ideologia, estrutura e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1976.